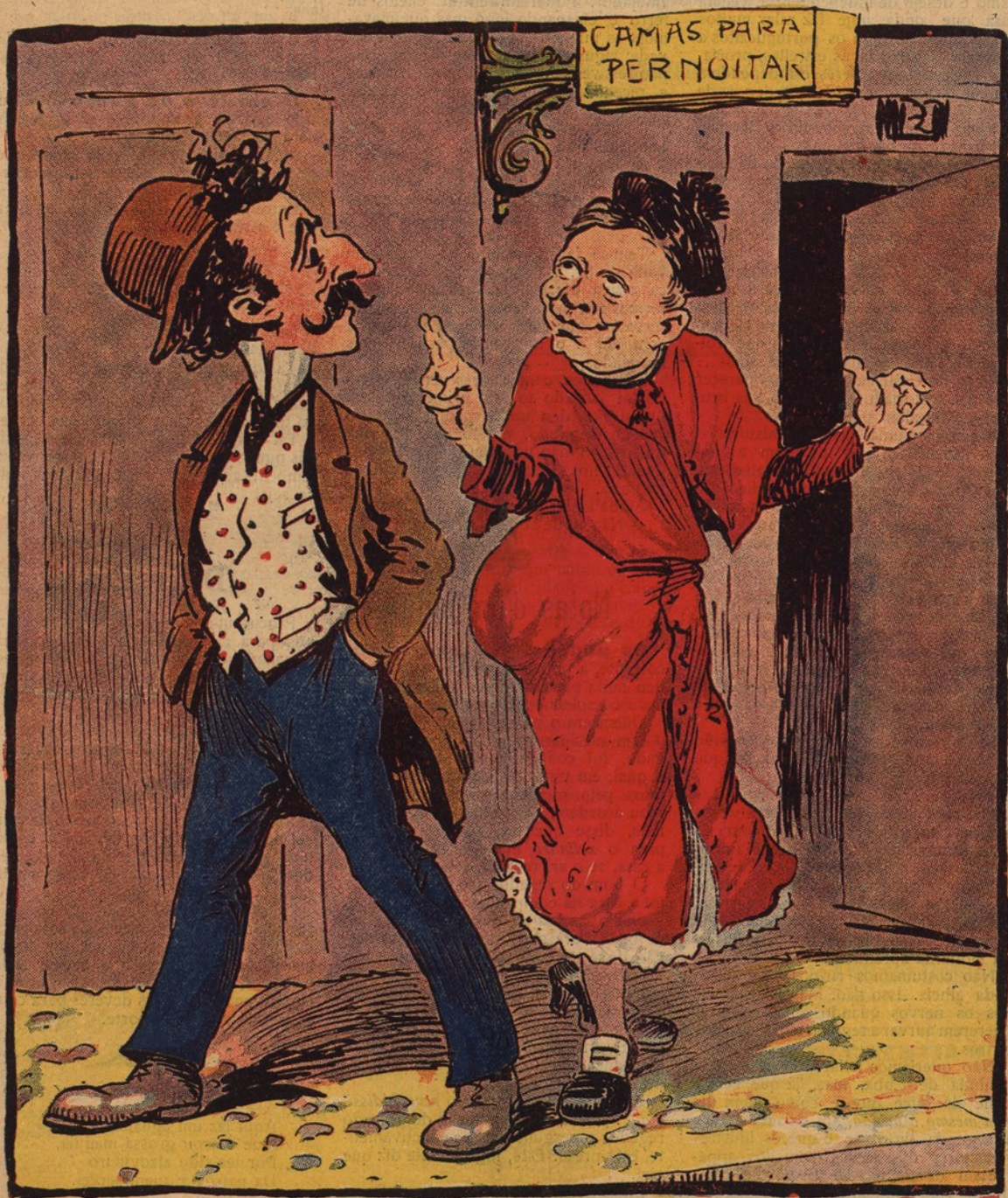
N.º 95 (2.º)—(217)—5.º ANNO Terça-feira, 3 de Setembro de 1912 Preço 20 Rs

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR, ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO ARMANDO FERREIRA
ADMINISTRADOR SERTORIO RAMOS
COMPOSTO, IMPRESSO E GRAVADO nas OFFICINAS DO ZÉ
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, R. do Poço dos Negros, 81.

A BENÇÃO BISPO-PAPAL...

O sr. Antonio Macieira, como por acaso, assistia á passagem da procissão, em Lourdes, foi tambem abençoado pelo bispo de Beja.
(Dos jornaes)

O Bispo:—Eu te abençôo, meu querido Macieira, meu marujo, meu cherubim!...
O Macieira:—Livra!...

Fitas corridas

Alguns papeluchos hespanhoes, cujos redactores com certeza desconhecem as mais rudimentares talhadas de historia de uma patria, têm vomitado ultimamente um sem numero de fanfarronadas que nos ferem os ouvidos.

Entre ellas, fallam da *annexação* de Portugal, como quem falla da annexação de Andorra ou de qualquer outra coisa de somenos importancia.

Eh! *Hombres!* Isto não vae assim com duas cantigas!

Em 1850, annos depois d'esse bravo palerma que se chamou D. Sebastião, ir brincar aos soldados em Alcacer-Kibir cahiu-nos em cima a albarda hespanhola.

Sessenta annos andámos a fazer frétes, mas um dia, certa veneta intitulada patriotismo e desejo de independencia, veneta essa que ainda hoje faz ralar muitos hespanhoes, obrigou os portuguezitos a atirarem a albarda ás estrellas, proclamando-se de novo livres e independentes como quaesquer cidadãos depois da meia noite.

Vem depois um sol-e-dó de tapona, alli pelo norte do Alemtejo, onde valsaram hespanhoes e portuguezes, dançando-se ainda algumas polkas com bastante animação no paiz das castanholas.

E' natural que os redactores dos taes papeluchos encham a bocca com as *victorias hespanholas* de Elvas e Montes Claros. Que lhes faça muito bom proveito. O que, porem, não nos esquece é que em todos os compendios da historia lidos por nós no tempo da instrucção primaria, a cada folha que voltamos era traulitada que pregavamos... no leão de Castella. E quer-nos parecer que os historiadores não são uns brutos por ahi alem.

Precisam d'umas lições de historia os taes jornalistas que idealisam a conquista de Portugal como idealisariam a conquista d'uma morena na calle d'Alcalá, que *es la cosa mas hermosa del mundo*, segundo elles dizem na sua acrobatica lingua. Pois é facil a lição. Tiremse de cuidados, arranjem as malas, entrem em Portugal, vão a Aljubarrota que é uma linda terra pouco distante de Lisboa e perguntem pela padeira. Podem até fazer a pergunta em hespanhol, que a gente da terra não é de cerimonias. Poderão tambem ver o mosteiro da Batalha, erigido em honra da *victoria hespanhola*... e terão assim a sua primeira lição de historia.

Se se resolverem a vir, não perderão o seu tempo, porque teem muito que aprender n'este livro aberto.

....

Os redactores dos taes papeluchos são decerto, uns sujeitos finos, com alguns decigrammas de instrucção a cambalhotearem nos cerebros. Mas, decididamente, a historia não é o seu cavallo de batalha. Apanharam com certeza, muitas palmatoadas no seu tempo de rapazes. Pois se nem as lições da historia moderna aprendem...

Não costumamos rir-nos da infelicidada alheia. Isso não. Mas engrilam-se nos os nervos quando vemos infelises quererem turvar a regular felicidade dos outros.

Não queriamos fallar da victoria hespanhola de Cuba, mas, já que vem a talhe de foice que é como quem diz *vem mesmo a bebida*, ahi apontamos... a segunda lição, se é que os illustres redactores dos taes papeluchos apparentam desconhece-la. E por aqui poderão vêr que não é por se matar cobardemente meia duzia de touros em Sevilha, Alicante ou Zaragoza que se vae matar a independencia d'um povo ou apagar as lettras d'uma nação. Os povos não se derrubam com espadas, muletas e poses plasticas; vencem-se com heroismo e, com respeito a heroismo, Sancho Pança sabia muito bem o que isso era...

Mas ahi temos o Rif, que não tem sido um Rif propriamente dito, tem sido um rufo... para os hespanhoes. Bem sabemos que em Marrocos não ha praça de touros, onde talvez uns *cambios* conseguiriam enfeitiçar todos os Abd-el-Azis e Bar-na-bés que por lá haja. Mas então, que se ha de fazer?... Quem vae á guerra dá e leva.. e com isto damos por finda a terceira lição.

Não temos aeroplanos. Não vemos navios, não temos canhões... mas temos uma coisa parecida, que muitos hespanhoes não teem porque vão ao amolador. Poderiam entrar cheios de ferro e chispando fogo mas queimavamos os miolos se houvesse alguma enxada, alguma foice alguma picareta que não estivessem firmes no ar, promptas a recebe-los com as honras do estylo.

Sabemos o que elles dizem a isto:

—Ora! assim como veiu Olivença, tambem póde vir o resto.

Ao que nós respondemos:

—Deixá-lo! Levaram-nos Olivença, como nos poderiam levar uma carteira...

*

Tem-se fallado muito na imminente volta do Sr. Teixeira de Souza á politica activa e na hypothese de Sua Ex.ª formar um partido mais ou menos conservador que seria a *direita* se é que a *esquerda* é o logar dos partidos mais avançados.

Trememos como varas verdes quando foi lançado ao ar o primeiro boato. Quasi nos deu uma syncope ao passarem-nos segundo, e não sabemos por que diabo não nos deu uma apoplexia quando nos garantiram a veracidade de tal coisa.

Ainda assim, diremos:

— Não pode ser! E' *blague*.

Notas d'um bufo

Os padres.—No domingo 25 do corrente, a população d'Aldea da Ponte, deu tanta pancada n'um padre que este ficou completamente *espatifado*.

Quem era o padre?

Um masmarro, que tendo-se embriagado, foi contender com o regedor, o o qual, em vista dos desacatos commettidos pelo ministro do Senhor, o chamou á ordem, dando-lhe voz de prisão. Este, disse que não se importava d'ir para o *xelindró*, mas que primeiro iria a casa, se o sr. regidor desse licença...

O bom do regedor acedeu e o padre foi a casa na companhia de 2 *cabos*.

Ora o *masmarro*, quiz-se ausentar para quê? Para pedir ao seu Christo perdão, de se ter embriagado e commettido desacatos? Nada disso. O reverendissimo foi á sua residencia e muito disfarçadamente muniu-se d'um... revolver!

Depois de se ter *preparado*, entregou-se novamente aos 2 cabos, indo todos 3 ao encontro do regedor, que já os esperava.

E' nesta occasião, que o *reverendissimo... pulha*, cresce sobre o desgraçado regedor e pergunta-lha, se effectivamente, está preso. Este, logicamente diz que sim.

Então o ministro de Deus, d'esse Deus, todo Bondade e Amor, pucha do revolvel e por duas vêzes alveja a auctoridade da Republica dando-lhe morte instantanea!

Depois que succedeu?

O povo, indignado com a infamia que o miseravel tinha praticado, chacinou-o!

Procedeu mal?

Não! O povo fêz o seu devêr, esmagando uma vibora, sem duvida mais venenosa, que as outras que rastejam pelas florestas!

E dizem-se estes malvados, ministros do Senhor!... Elles que são mais infernaes que o proprio Mephistofeles!...

Inteligencia & C.ª ! — Diz o *Mundo:*

> Consta-nos que um deputado, que é estudante. fêz recentemente exame n'uma escola superior e ficou reprovado. Parece á primeira vista um contracenso, porque ha gente que supõe que os deputados não podem ser ignorantes, mas afinal é isto que se vê. Chumbado em toda a linha!

E é um *urso* d'estes que recebe do Estado 3330 reis diarios, durante o periodo legislativo!

O verde e os burros.—Tem sido a praia de Pedrouços, a preferida para descantes thallassas.

Menina que suspira pelo *reisinho*, é certo comparecer ás desgarradas nocturnas de Pedrouços.

Entre as quadras que entoam ha uma que é assim:

> Não vêjo vermelho e verde
> Que me não dê um arranco,
> As cores da minha bandeira
> São sómente azul e branco,

Isto do vêrde provocar arrancos aos dementados defensores do *Manélinho*, dá a idea d'uma estrebaria onde hajam burros cheios de *larica*, e que de repente vejam um monte de fêno. Dão logo uma *arrancada* e atiram-se ao vêrde!

Tal e qual como as hystericas meninas que vão para Pedrouços atirarem-se tembem ao verde, como alimarias, salvo seja!

Luiz Ferreira *(Lambisgoia)*

De justiça

Procuram-nos alguns guarda-nocturnos para reclamarem contra a ordem dimanada da auctoridade superior do districto que lhes impõe durante o serviço, o uso do antigo bonet da policia civica.

Como justificação da sua indignação, fallam-nos dos seus serviços á causa de que são velhos apostolos e se consideram vexados com tal deliberação.

De facto, não se comprehende que tendo-se modificado o uniforme da civica por improprio, se dê agôra como bom para uso dos humildes vigilantes dos haveres e até da segurança publica.

Confiamos que alguem attenderá a reclamação que em nome da solidariedade lançamos ás columnas do nosso jornal sempre prompto a bradar pela justiça quando, arredada do sagrado cumprimento dos seus deveres para com os desprotegidos da sorte.

EPITAPHIO

> Aqui jaz um aguadeiro,
> Que deixou grossa maquia,
> Por ter sido alcoviteiro
> Da patrôa a quem servia.

Zé pequeno.

AS MINHAS NOTAS

Ruas...

O estado a que chegaram algumas ruas de Lisboa é simplesmente escandaloso, demonstrando esse estado uma bandalhice de certa camada social, que a policia deixa á solta, camada a que se junta uma outra dependente da disciplina militar, da obediencia, da moralidade.

As ruas de Lisboa, já de si porcas pela falta de limpeza, encontram-se agoras em varios pontos, verdadeirameute immundas no que respeita á moral.

E, se para o primeiro a atenção que se deve implorar é a da Camara Municipal, só a autoridade, o governador civil e tambem a autoridade militar, é que deve ser chamada a responsabilidades, para o segundo caso porque a estas duas entidades oficiaes se deve a indisciplina em que tudo se encontra.

O Rocio, onde se encontra um posto de policia; o largo de S. Domingos onde existe o quartel General, são dois verdadeiros fócos de desordeiros vadios asquerosos, ordinarios.

A rua nova de S. Domingos é como que a fóz onde todo aquelle mar de ignomia, de vergonha, vae desaguar, para se espalhar depois no largo, revolto, n'um rugido de desordem.

A marinha fornece para aquelle largo e rua um grande contigente, pois que os marinheiros transformaram de ha muito o largo n'um vasto campo de manobras... afadistadas.

Todas as noites se desenrolam n'aquellas paragens scenas vergonhosas, scenas improprias de Lisboa.

A autoridade tem muito em que se entreter, mas não é demais uma limpeza a estas e outras ruas, principalmente estas que indico.

A's autoridades militares, á armada principalmente, não será ousada lembrança esta de pedir uma vista de olhos por varias *viellas* que outr'ora foram ruas bem frequentadas, e que hoje são perigosas de percorrer.

E o commercio d'esses arruamentos tambem perde, que os combates, as lutas de palavrões afugentam os transeuntes e certas casas commerciaes não podem estár à mercê da abandalhada rufiagem e da incuria da autoridade, do districto.

A' Junta de parochia da freguezia de S. Justa e Rufina se recomenda este facto que ella tem là, de portas a dentro uma boa testemunha, que é, se não estou em erro, o Sr. Arthur Alves Ribeiro.

Nunca é de mais a limpeza, para bem da moral publica. E ainda que eu já tivesse ouvido a um marinheiro embriagado que *isto agora é nosso* não é isso razão para que a rua se transforme em barco... de pesca de arrasto, colhendo na rede toda casta de lodo que a policia consente que se espalhe pelas ruas de Lisboa.

Foi-se

O Dr. Antonio José de Almeida, que em Março aconselhou que se désse a beber aos conspiradores agua raz se tivessem sêde, balas em logar de pão, em logar de lenha que o saquece, polvora a arder, partiu para a Allemanha convencido que é elle ainda o unico homem de valor na sua terra.

Como nos seus olhos de romantico se lia bem claro *aquella certeza* ninguem, ao acompanhal-o a bordo, o contrariou. E lá foi com os miolos no seu logar segundo boato que correu, e que julgo falso...

Edmond

Creança pequenina, uma pequena parte ainda na vida um pedaço de carne que se cobre n'um beijo, caricioso, leve...

Edmond é o filho de Luiz de Azevedo e Silva, e foi baptisado o mez passado. Um bébé lindo, um botão de rosa... O penhor de uma felicidade que Luiz de Azevedo acalenta, sofrego, ambicioso, que esse penhor é a felicidade do seu lar!

O do Fomento.

Là as leis não consta que tenha atropelado. Mas... transeuntes já são dois que o Ministro volta, com o automovel ali na Junqueira.

Quem tal diria! Um ministro tão pequeno e tão gentil esmorrando as ventas aos cidadãos com a tromba... do seu automovel!...

Uma esmola...

E' amanhã entregue á caixa das esmolas do *Diario de Noticias* os 2000 reis que tenho em meu poder e que foram offerecidos por *Cantada por ti..*

Questão Ali-Bábá

Calei por falta de argumento... dizem agora...

Não. Calei, por que os meus adversarios não me merecem confiaança...

A um tinha que exigir a folha corrida, sem cadastro e isso seria dificil... para elle!

A outro... a carta de simples exame... de instrucção primaria... O que não sería facil...

Eis porque calei. Porque Ali-Bàbá chamou *licçãa de Mestres* aos escriptos de um desqualificado e de um ignorante.

Lá para tão baixo não desço ainda... E Ali-Bábá sabe bem se eu poderia ou não responder, pelo menos... com educação.

Vinicio.

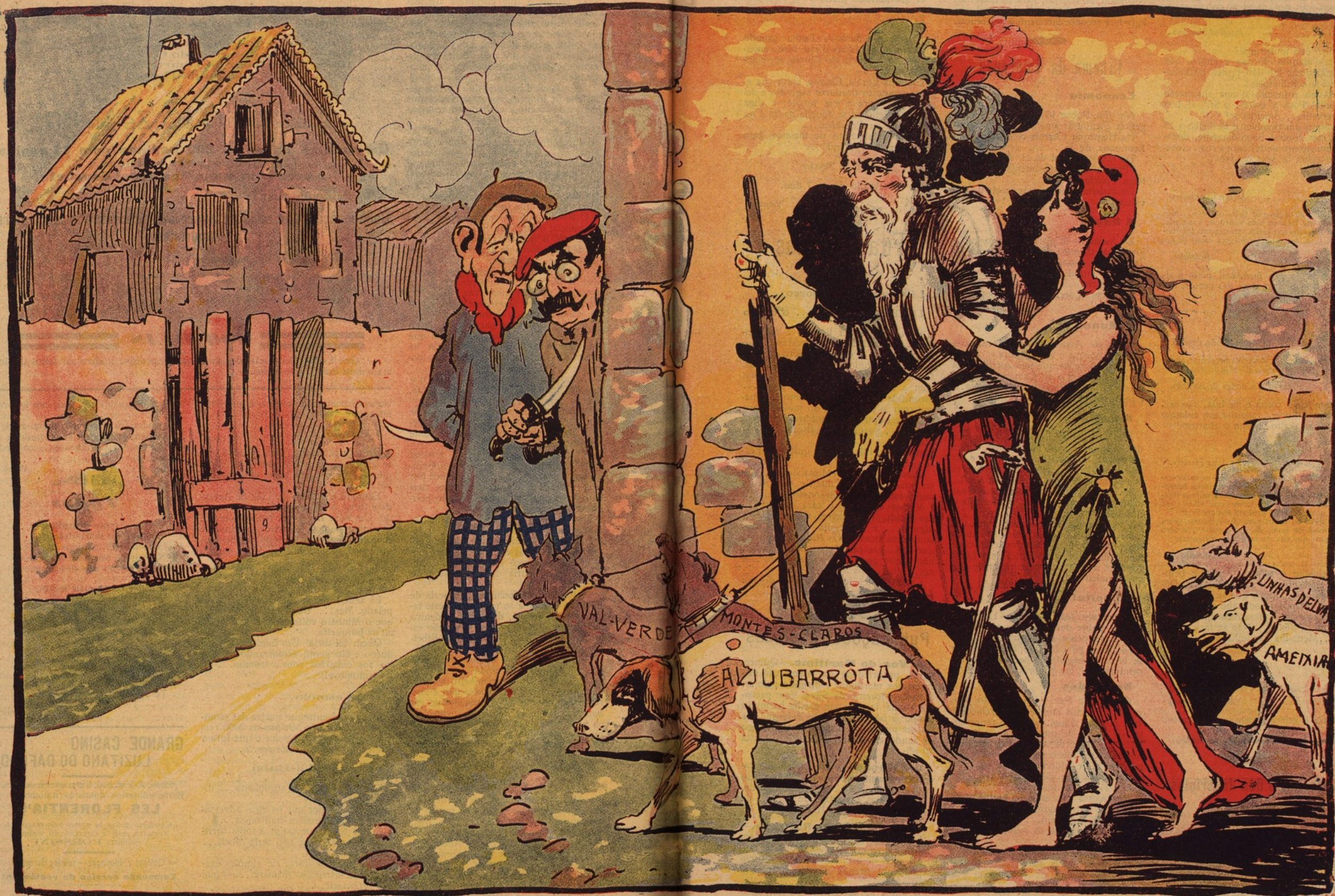
Typos

Entre os typos reinadios
Conheci um malandrão,
Gajo de três assobios...
Nasceu-lhe um filho marréco,
Que é fructo dos desvarios.

Foi dos typos mais felizes,
Quem tal havia dizer!?...
Hoje é pae de três petizes
E um já anda a aprender
A caçar as codornizes...

E, um tunante d'estalo,
D'estes de lume no olho,
Que nada lhe dá abalo;
Mette-se como piolho,
Tem tudo a recommenda-lo...

Zé pequeno.

A ANEXAÇÃO

Republica:—O' papá! Não haverá por aqui gatunos?
Portugal:—Descança! Se elles repararem nos cães, não se atrevem . . .

Consultorio Pratico

E.mo Sr.

Sou nervosa. De quando em quando, *começo* a chorár e *termino* por me rir ás gargalhádas. Não será o Sr, capáz de me dár uma droga para eu curár este tão terrivel padecimento.

Josefina Marques

A Sr.ª está muito mal! Esses ataques de riso e chôro, que continuamente lhe dão, podem facilmente levá-la a Rilhafoles!
Está no principio d'uma alucinação cerebrál! Para a evitár, a Sr.ª, só tem um remedio...Suicidár-se!
Compra um revolver e desfecha-o 15 vêzes nas fontes! Seguidamente, deita-se d'um quinto andár para a rua,...acabando assim os seus penáres!

*

Amigo Lambisgoia

Padêço d'inchação por todo o corpo...Mas onde *ella* me dá com mais violencia, é nos pés, que de inchádos que estão parecem uns *trambolhos*. E's tú, querido Lambisgoia, capáz de me aliviáres?

Pedrinho.

Se tens os *pés inchádos*, péde a alguem, que te aproxime das *ventas*, um frasquinho com amoniaco!

*

Consultorio Pratico.

Ao mui digno *Dr*, desejáva perguntár, se fáz mál bebêr vinho, quando elle sêja de tráz da orelha.

Um amigo de Bacchus.

Sendo com conta e medida, não faz. Mas abusando-se...apanha um cidadão uma *pirua*, d'alto lá com o charuto!

*

Ill.mo Sr. Luiz Ferreira.

Outro dia, fui a um jantár, onde se inaugurava um grupo musicál; apanhei tamanha *borracheira*, que desde então a minha namoráda Beatriz, nunca mais olhou com bons olhos para mim e quando me vê procura sempre fugir.
Que dêvo eu fazer, para que a Beatriz, goste ainda mais de mim, do que então? Que dêvo fazêr, para que ella me faça mais meiguices?

Seu criado X.

Pisque-lhe o olho... Atire-lhe beijinhos...Suspire...Faça-lhe festas...Dê-lhe bonbons...Finja que se quer suicidár...E se por acáso, sabe que ella tem estimação, em alguma *coisa* que o amigo possua, dê-lha...Não se faça sográdo!...Metta-lha nas unhas!

*

Amigo Ferreira

Contra a calvice, quál é o melhor remedio?

Anicêto Caxuxo.

Untár o couro cabeludo, com tutano de vaca!

Luiz Ferreira (Lambisgoia).

Associação dos Inscriptos Maritimos

Commemorando o 3.º anniversario da sua fundação, realisou a Associação dos Inscriptos Maritimos no passado domingo, uma brilhante festa que começou por uma *Alvorada* ás 6 da manhã.
Ás 15 horas houve sessão solemne, onde tomaram parte diversos oradores e ás 18, concerto musical no qual se destacou a troupe de bandolinistas regida pelo sr. Raymundo Martins.
Depois realisou-se o sarau que decorreu com festiva animação. A fanfarra do paquete Zaire prestou-se gentilmente a coadjuvar os festejos, para os quaes foi convidada a redacção d'este jornal que agradece reconhecidamente a deferencia.

Cinema da Imprensa

Economia

Na flia: Pobre *Vinicio*! A tua intelligencia chegou ás amethistas... e parou
De Henrique Correia colaborador da Economia, de 25.
Do mesmo jornal de 1:
»Porque não experimenta? E' o systema *Vinicio*.
De Háleite (medico pela escola de Cacilhas.)

A Nação

De joelhos: — E' esta a posição que o jornal da travessa da Era impõe ao Sr. Teixeira de Souza. Para escutar as sandices do jornal migueleiro ha posição mais propria.
De cócoras, sr. Teixeira de Souza... de cócoras!

O Mundo

Falta de Assumpto: «Uma calmaria suspeita porque é esmagadora.»
Esmagadora porque tem corrido com bom vento para o sr' Camacho, quando o contrario foi desejado pelo *Mundo*... e pelos correligionarios do Grupo.

A Lucta

Um caso grave: — Compara a justiça da Republica, toda magnanima, com a crueldade da Justiça Monarchica, e diz que aquella »não tem razão de que se envergonhar perante a justiça de 1891...
E' que a justiça de hoje... está nas mãos dos camachistas... como diria o *Mundo*!
Caisse a pobre mulher da balança, nas unhas dos que querem .demolir entidades perigosas para o futuro desenvolvimento da acção democratica» e a *Lucta* veria se a justiça tinha ou não de que envergonhar-se...

A Capital

Outra vez João Franco: — Embirrou com o pobre desterrado... e o caso é que já se pensa em augmentar mais a subscripção para os aeroplanos, porque se teme a chegada do homem, pelo ar, pendurado... na propria cabeça...

Novidades

O inicio da Paz: — Fala na volta provavel de certos homens monarchicos á vida politica, e que esse facto representa »O inicio de uma epoca de paz e trabalho, livre de todas essas miserias que tem afectado o regimen pelo escorraçamento de individualidades que fazem falta á nossa vida nacional etc.»
Estou de accordo.
Mas n'essa não caem os politicos... em ferias. Entrar agora na politica seria um acto de coragem... porque se corre o risco de perder o menos... o menos... a vida.
Se a Portugueza ainda é um dos melhores argumentos para caçar thalassas!!...

O Intransigente

O que devemos fazer? — Pelo titulo do seu artigo de 30 de Agosto ultimo se vê que por lá ainda não chegaram a uma conclusão.
Elles são os primeiros a confessarem que não sabem o que querem...
O que devemos fazer?

Zé

É padre e basta — »Tenho grande pratica das patifarias d'este *bicho rabudo* que na ausencia de Chrsito faz blandicias ao diabo,»
Entre na Egreja, *Chacon*, entre na egreja, escute os oradores sagrados e depois volte para a sua secção; e diga aos seus leitores se aquella gente é ou não *amiga da Republica*...
Já me alcunharam de thalassa, bem sei, mas eu lá vou indo...

Fim de Sessão

Intervallo de... 7 dias.

Vinicio

Fitas comicas

III

I Gamalhães... o porco

II Albuquerque II... o doido

Gamalhães: — Má lingua.. má lingua... obscenidades... porcarias... sonetos porcos... e espirito pôrco...
Acima de tudo uma joia. Bom rapaz. ComoArriegas e como Diogenes andou com a lanterna á procura da gloria... escondida no theatro Moderno. Deparou com o carpinteiro do mesmo theatro... e safou-se! A Lanterna ficou sem torcida... Surgiram os fiscaes dos impostos.
Uma praga. Elle tambem quiz *sel-o*. Fez-se fiscal... do sello!
Albuquerque II: — Muita alegria, muitas piadas... do Eduardo Garrido e muita estopada... em sonetos!
Versos côxos... e cára direita! Foi um doido, teve azáres. Conseguiu ser *alguem*... e conseguiu ter juizo! Mas como uma bomba. *Os Ridiculos* contam que elle... vae casar!!! O rapaz, coitado... não estava acostumado a ter juizo... e zás... mais uma asneira...
Casa!!! Antes ler os sonetos do seu *Livro do Actor* vinte vezes!

Publicações recebidas

A Voz do Maritimo.—Quinzenario, propriedade da Associação dos Inscriptos maritimos e dirigido pelo sr. Alfredo Moreira da Silva. Vem preencher uma lacuna que existia ha muito tempo: a falta d'um orgão defensor das classes maritimas. Traz um bello artigo de fundo e muitas secçoes uteis. Custa 20 réis.

A Aviação.—Quinzenario illustrado de Aeronautica e Sports, dirigido pelo sr. Fernando Valle. Muito interessante, tem 6 paginas e o artigo de fundo é de Mayer Garção. Preço 10 réis.

Na barricada da Rotunda.— E' um folheto de episodios interessantes do movimento revolucionario que o 1.º cabo de artilharia Arthur Patricio expõe com grande clarêsa. Preço 100 réis.
A todos agradecemos os exemplares enviados a *O Zé*.

Bolas de fogo...

A proposito da morte de Bulhão Pato, o eminente poeta que escolheu para seu epitafio o verso da «Paquita»: «Era um homem de bem. Descance em paz», oiçam o que diz o *Seculo*:

«Bulhão Pato foi, durante toda a sua vida, de uma rara modestia e de uma grande h nestidade. Alheado de todas as ambições de grandeza, recusou tudo que podia lisonjear-lhe a vaidade ou servir-lhe os interesses pessoaes —cargos e honrarias— preferindo a tudo a sua gloria de poeta. E assim viveu sempre pobre e pobre morreu. O seu altivo temperamento comprazia-se com essa situação, em que muitas vezes teve de lutar com diculdades insuperaveis. Foi já depois de proclamada a Republica que se pensou em arranjar-lhe um pouco de desafogo, fixando-lhe uma pensão; mas esse pensamento, que teve o apiauso de todos, nunca chegou a realisar-se. E foi assim que o grande poeta, de alma idealista e boa, se viu no ocaso da sua gloriosa vida cercado privações e desconfortos».

Tem sucedido sempre assim a todos os homens de bem. N'esta sociedade podre, o homem honrado e bom acaba por sucumbir aos golpes da miseria, emquanto os malandrins descarados vão governando a vidinha.

O que se passou agora com Bulhão Pato, deu se outro dia com D. João da Camara, com Silva Pinto e ha-de dar-se com todos os que tiverem a alma sã e a consciencia lavada. E nos poroximos da morte ainda tem de sofrer a humilhação extrema: a caridade oficial, essa croia de coração empedrenido, a dar-se ares de magnanima, mas sem largar uma de *xis*...

Triste mundo!... Mais vale ser ladrão do que homem de bem!...

*

Como se aproxima a ocassião das matriculas, queixam-se-me varios rapazes do preço exorbitante a que ultimamente chegaram as respetivas propinas, sem vantagem nenhuma para a instrução, que, coitadinha, continua a estar pela hora da morte.

Mas sobre o assunto queiram ouvir o que disse, a um redator do *Heraldo*, o ilustre dr. João de Matos (arrebitem as orelhas):

«Porque é preciso que criemos uma *élite* intellectual, que deve dirigir a sociedade. Essas tão apregoadas classes dirigentes não existem de facto. A multidão está á mercê do primeiro aventureiro.

E' essa a razão porque os cursos superiores se devem difficultar cada vez mais, pela despeza e pelas exigencias dos programmas. Os talentos pobres que se revelam, lá teem a protecção do Estado, as bolsas de estudo, etc. Sómente o ensino primario deve ser absolutamente gratuito, e o secundario que seja o mais barato possivel».

O Estado a proteger a instrucção e os estudantes pobres!!

Deixem-me rir...

E não vir ahi um raio que nos parta a todos nós, os que vivemos n'um paiz onde ha homens do valor do dr. João de Matos, professando taes opiniões...

*

Mas tornem arrebitar as orelhas e oiçam mais prosa do mesmissimo cavalheiro, agora a proposito dos bachareis:

Na Italia, por exemplo, as coisas não chegaram a melhor destino. Vêem se por lá os bachareis empregados em trabalhos publicos, como assentamento de estradas de ferro, etc., como os nossos, que entram em todos os concursos para logares de amanuense e outros cujos proventos nás vão além do cruzado ou cinco tostões».

Mas o que quer o mestre que a gente lhe faça-se o bacharelato não dá para mais?!...

Vão-se esfolando os cinco tostõezinhos diariamente até que o padre eterno mande o diluvio outra vez...

Hay que haver paciencia.

*

O que vale é que de vez em quando aparecem coisas com muita graça. Ora oiçam lá esto, que o *Diario de Noticias* publica em primeira mão:

Paris, 24 — Nota-se, de ha dias, uma grande afluencia n'esta capital de personalidades da contra-revolução portuguesa. Entre os «comités» de Londres, Berlim e de Madrid, que aqui se encontram, tem havido continuas reuniões.

Chegou tambem Paiva Couceiro, tendo feito perante os «comités» uma narrativa detalhada de todos os seus actos. Segundo informações que pude colher, conseguiram o que de ha muito desejavam: a cooperação de Joãs Franco para a restauração da monarquia.

Ao que se afirma, será esse antigo politico português, quem de futuro dirigirá os trabalhos da contra-revolução. O chefe militar, dado o casa de ser preciso o emprego da força para uma incursão armada no territorio português, será Vasconcellos Porto, que foi ministro da guerra durante a presidencia de João Franco.

Paiva Coiceiro, João Franco e Vasconcellos Porto, isto é, *Có-co Reinêta e facada* a restaurarem a monarquia. Sim senhores. Profundamente comico.

Para um terceto de revista.

Ora para que havia de dar ao sinistro e cobarde *Xuão*. Foi o coveiro da monarquia, e quer agora restaura-la! Paradoxal!...

E não haver um raio que os parta a todos. Corja.

*

Se o leitor tem o pessimo costume de dar abraços aos *amigos*, no momento em que d'eles se despede, queira ler este bocadinho de oiro que transcrevemos d'um jornal da manhã:

Contámos ha dias que fôra preso Antonio Pedro Ferreira Veiga, morador na rua Arantes Pedroso, 16 2.º, sob a acusação de ter furtado uma carteira com 310$000 réis a Domingos Antonio, na occasião em que se despedia d'ele na estação do Rocio, dando-lhe um abraço que o roubado tomou por um gesto de gatuno.

O preso que é amanuense da Agencia Militar, foi removido do governo civil para o quartel general e d'ali para a casa de reclusão, d'onde o puzeram em liberdade por se ter averiguado a sua inocencia, apurando-se que se trata de um homem honestissimo e incapaz de tal feito, tendo exercido durante largo tempo, em Setubal cargos de confiança em diversos estabelecimentos e sendo um antigo militar, com um passado honrosissimo».

Imaginem vocês que amigo, hein!? Livra!...

Manoel Chagas (Pardielo)

COMPANHIA FIEL...

Problema intrincado

I

D. Elisa Gasparino, a interessante viuva tão conhecida dos elegantes frequentadores das soi·rées da moda do CHIADO TERRASSE, CENTRAL e OLYMPIA, achava-se bastante preocupada n'aquella noite. Uma carta que a creadita da sua amiga Ernestina lhe entregára havia momentos deixara-a por assim dizer a contas com um intrincado problema. Eis o resumo da referida carta em summa. «Bastante incommodada de saude não te posso acompanhar hoje ao teatro, querida Elisa. As repetidas doses de caldeirada de lulas e de sardinhas assadas que hontem engeri no «Machadinho» fizeram-me mál. E foi pena!.. Tenho tão gratas recordações d'essa noite de feira!.. **A Delfina Victor,** no teatro do seu nome, cantou na verdade d'um modo soberbo ao passo que na elegante sala d'espectaculos **Julia Mendes**, as noveis mas esperançosas atrizes Emilia Mendonça, Zulmira Miranda e Maria Victoria vão captivando meia Lisbôa com a sua apreciavel gentilesa.»

E sentada n'uma commoda poltrona, amarrotando nervosamente a missiva em questão, a formosa viuvinha mostrava-se cada vês mais perplexa. Uma ruga significativa quasi que lhe dividia ao meio a avelludada tez.

Quem a acompanharia, afinal, n'essa noite? Uma das Meiras?.. Uma das Constancias?... Ah! nem pensar n'isso era bom!

Junto de qualquer d'essas eméritas coscuvilheiras não podia Elisa flirtar á vontade com o seu actual mais que tudo...um garboso alféres d'artilharia, que ella conheceu durante uma memoravel sessão no artistico SALÃO DA TRINDADE.

Como resolver pois o caso?

Oh! maldita ..funesta indigistão aquella!

E a galante dona da casa mandava em alta voz para o diabo a glutona dos acepipes do Machadinho, quando uma mignone e gentil figura, fazendo a sua aparição á porta do confortavel aposento a fez soltar finalmente uma exclamação d'alivio...de profundo alivio...

Estava achada a solução do problema.

—Não podias chegar em melhor occasião, querida Nini, exclamou ella já toda risonha, beijando effusivamente a recemchegada, que era nem mais nem menos do que a sua unica filhinha – actual alumna interna d'um dos primeiros collégios da capital. Preciso immenso da tua companhia hoje.

—Mas, Mamã, redorguiu a pequena com um ar decidido devéras precoce; eu vim aqui esta noite apenas para a beijar. Faço depois d'amanhã exame de 1.º grau. A professora espera-me no collégio.

—Exame! Professora! Collégio! Não pensa noutra coisa esta mulhersinha de...séte annos! Em vez de rir, de brincar e de saltar, como os filhos ali da visinha, passa os dias agarrada aos compendios! Que anomalia, Deus do Céu! Estou a vêr que por fim tenho de a internar em..Rilhafolles.

E a namorada do alféres d'artilharia expandindo assim a sua colera, um tanto ou quanto justa—tudo o que é demais não presta—premia com o rosado dedinho o botão electrico ao seu alcance.

—Ignacia, ordenou ella á sopeira, que acudiu ao chamamento; vista a menina convenientemente e conduza-a em seguida ao teatro **Avenida**. Eu lá estarei ás 21 horas, depois de passar pela modista, onde tenho á prova duas toilettes—uma destinada á deslumbrante soirée de quinta-feira do **Républica** e a outra para a 1.ª récita da moda do **Colyseu dos Recreios**.

—Mas o exame, Mamãsinha, o exame?! tornou a balbuciar a estudante modelo já com o pranto a embargar-lhe a voz.

—Ficarás reprovada se tanto fôr preciso, porem, agora urge que se faça o que eu mando. Não tenho hoje outra companhia fiel. De resto, querida Nini tu vais passar uma noite divertidissima. Nascimento Fernandes e Amarante no *Có-co-ro-có*, fazem rir a bandeiras despregadas creanças e adultos. E você, Ignacia, prepare-se tambem. Aproveite a noite de hoje para ir ao FOZ e THEATRO-SALÃO DOS ANJOS, cujos numeros de variedades tanto aprecia.

—Oh! obrigada, minha senhora, obrigada! exclamou a sopeira toda contente. Vamos, menina Nini.

—E se eu lhe arranjasse uma companhia...fiel? perguntou de subito a creança precoce, a quem uma determinada ideia fizéra seccar as lagrimas.

—Se me arranjares uma companhia fiel, poderás então voltar para o collégio, redarguiu distrahid mente a formosa viuva, saindo do aposento.

—Olha, Ignaciasinha, disse então Nini para a creada, com um certo modo mysterioso, que passou desapercebido a esta; vae tu andando para o quarto, que eu chego n'um instante ao 3.º andar. Tenho uma incumbencia para a D. Leonarda.

—Pois sim, menina! acquiesceu immediatamente a sôpa, a quem o caso convinha ás mil maravilhas.

Na verdade, o Isidoro da Guarda Republicana devia esperar ancioso na rua pelo costumado signal. Signal que d'esta vez o ia encher de felicidade.

Em que ruminava, todavia, a interessante filhinha de D. Elisa Gasparino?

Que providencial alibi ideara para se livrar d'apuros?

Não o podemos narrar por emquanto. O segredo é a alma do negocio...

Comtudo, um facto bástante elucidativo podemos desde já levar ao conhecimento dos presados leitores...

Mal as nossas três heroinas sahiram de casa um formidavel alarido echoou no prédio em questão.

A tal D. Leonarda do 3.º andar, uma durásia e anafada solteirona, chorava...gritava...berrava como uma possessa! Tinha-lhe desapparecido o Fiel ..aquelle meigo e lindo cãosinho, que era toda a sua consolação n'este mundo!

Haveria alguma correlação entre esse desapparecimento e a visita da nossa precoce Nini?

O Zé, o dirá no proximo numero queridos leitores, o Zé o dirá.

(*Continua*)

O Miguel.

O NOVO PARTIDO... DA VELHA RAPOSA

Meus senhores! E' entrar! ¡E' entrar! Não se paga nada porque ha dinheiro a rôdo! Será servida a cada visitante uma garrafinha d'agua de Vidago! Aqui se vê o urso e o athleta! E' entrar! E' entrar!